

# Representações do conflito Israel-Hamas no discurso parlamentar evangélico

EMANUEL FREITAS DA SILVA

EMERSON JOSÉ SENA

KEROLAINE DE CASTRO OLIVEIRA

**RESUMO:** O conflito na Faixa de Gaza produziu novas cenas de horrores que chocam a opinião pública internacional. O direito à terra pelos palestinos continua a ser negado e violentamente reprimido por Israel que, por sua vez, responde a ataques terroristas do Hamas. Este é representado como a personificação dos palestinos – para deslegitimá-los em suas pautas frente ao mundo. O artigo analisa a identificação entre Hamas, terrorismo e esquerda levada a cabo por parlamentares evangélicos do Brasil na produção e circulação de imaginários operantes no conflito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conflito Israel x Palestina. Evangélicos. Terrorismo. Sionismo cristão.



## Representations of the Israel-Hamas conflict in evangelical parliamentary speech

### EMANUEL FREITAS DA SILVA

Doutor em Sociologia pela UFC. Professor de Teoria Política da UECE, atuando nos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Políticas Públicas. Bolsista de Produtividade (BPI-FUNCAP). E-mail: emanuel.freitas@uece.br

### EMERSON JOSÉ SENA

Doutor em Ciência da Religião pela UFJF, onde leciona nos Cursos de Ciências da Religião e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, além de atuar na Pós-Graduação em Ciências da Religião. E-mail: emerson.pesquisa@gmail.com

### KEROLAINE DE CASTRO OLIVEIRA

Kerolaine de Castro Oliveira. Mestranda em Sociologia na UECE. E-mail: kerolaine.oliveira@aluno.uece.br

**ABSTRACT:** The conflict in the Gaza Strip produced new scenes of horrors that shocked international public opinion during the month of October 2023 and beyond. Palestinians' right to land continues to be denied and violently repressed by the Israeli state, which, in turn, has responded to terrorist and violent attacks by Hamas. This, in turn, has been represented as the personification of Palestinians in the search to delegitimize their agendas before the world. The objective of this article is to analyze the identification between Hamas, terrorism and the left carried out by evangelical parliamentarians in Brazil.

**KEYWORDS:** Israel x Palestine conflict. Evangelicals. Terrorism. Christian Zionism.

DATA DE ENVIO: 01/03/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 15/03/2024

## 1 Introdução

Os dias que se seguiram ao horror desencadeado na Faixa de Gaza - iniciado desta vez com uma ofensiva surpresa do grupo paramilitar *Hamas* - contra cidades israelenses localizadas ao longo da fronteira com o enclave de Gaza, em 07 de outubro de 2023, dizimou a vida de 1.200 pessoas, num ataque terrorista que reacendeu a discussão internacional sobre um conflito iniciado ainda no século XX e potencializado sobremaneira pelo governo do político de extrema-direita Benjamin Netanyahu (iniciado em 2009).<sup>1</sup>

A reação desmedida do governo de Israel já produziu, no momento de escrita deste artigo, mais de 30.000 mortos na Faixa de Gaza, incluindo a população civil, com destaque para mulheres e crianças, segundo dados oficiais<sup>2</sup>. Tais dados são subestimados, e o conflito ainda está em andamento no momento da escrita, e provavelmente, de leitura deste texto, significando isso que os horrores do conflito entre o Estado de Israel e o grupo Hamas<sup>3</sup> ainda alcançará números expressivamente cruéis.

---

1 Em artigo publicado no jornal Estado de São, em 12 de outubro de 2023, o historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, judeu, elencou responsabilidades do referido primeiro-ministro de Israel para o cada vez mais distante acordo de paz entre Israel e os palestinos nos seguintes termos: “[...] A atual coalizão de governo de Netanyahu é de longe a pior. É uma aliança entre fanáticos messiânicos e oportunistas desavergonhados que ignoraram os muitos problemas de Israel — incluindo a situação de segurança em deterioração — e colocaram foco, em vez disso, em concentrar poderes ilimitados para si mesmos. Na busca deste objetivo, eles adotaram políticas extremamente polarizadoras, disseminaram teorias conspiratórias ultrajantes a respeito de instituições de Estado que se opõem às suas políticas e rotularam elites do país como traidores a serviço do “Estado profundo”. O governo foi alertado repetidamente por suas próprias forças de segurança e numerosos especialistas que suas políticas estavam colocando Israel em perigo e erodindo a dissuasão israelense em um momento de crescentes ameaças externas. Quando o chefe do Estado-Maior israelense solicitou uma reunião com Netanyahu para alertá-lo a respeito das implicações em segurança das políticas do governo, o primeiro-ministro recusou-se a recebê-lo. Quando o ministro da Defesa, Yoav Gallant, não obstante, levantou o alarme, Netanyahu o demitiu. Mas o premiê foi então forçado a restituí-lo no cargo, em razão da indignação pública. Comportamentos desse tipo ao longo de muitos anos possibilitaram à calamidade se abater sobre Israel”. Ver: HARARI, Y. (2023).

2 Conferir: PODER360 (2024).

3 Aqui, destoamos dos modos como o conflito é apresentado em grande parte da opinião pública, como sendo um conflito “entre Israel e Palestina”,

Sobreposto ao conflito localizado em Gaza, há um outro, para além de lá, que se desenrola no plano simbólico-midiático, produzindo uma luta entre narrativas e imagens acerca do conflito. Em jogo, complementando a disputa de interesses entre Israel e povos palestinos, estão as representações acerca dos atores em conflito, com destaque para o Estado de Israel e o Hamas. Tais representações disputam a legitimidade daquilo que é apresentado como “a verdade” acerca do conflito e de seus agentes, operando as percepções que deles têm grupos não-diretamente envolvidos, como é o caso, para os objetivos deste artigo, de enunciações dirigidas ao público evangélico por meio de lideranças religiosas e políticas deste segmento. Tais discursos acionam repertórios outros de significação e de percepção que distraem, retiram o foco do cerne da questão e manipulam as visões que circulam sobre a realidade ali vivenciada a partir de estereótipos.<sup>4</sup> Associados real ou imaginariamente a uma das partes por meio de tais mecanismos de persuasão, evangélicos foram/são mobilizados a tomar parte no conflito e, assim, construirão uma retórica na qual signos (tais como “terrorista”, que atua com um enunciado aderente a palestinos e, como veremos, à esquerda brasileira) se tornam instrumentos político-religiosos de compreensão do fato.

Assim, parlamentares das três esferas (senadores, deputados/as e vereadores/as), pertencentes ao campo político da direita e de filiação religiosa evangélica (e também católicos, que não compõe o *cópus* de análise desse texto) recrudesceram o signo do sionismo, passando a discursar no Parlamento e nas redes sociais sobre o conflito Hamas-Israel a partir do significante “terrorismo”,

---

o que sugere que seriam dois Estados a se digladiarem ou que o conflito contasse com a participação da população palestina, quando, na verdade, entendemos que o conflito se dá entre um estado, Israel, e um grupo terrorista, o Hamas, que se enuncia como representante da causa palestina; tal associação linguageira auxilia na produção de estereótipos sobre este povo, com a qual não coadunamos.

4 Seguimos, aqui, a definição de Amossy e Pierrot (2022), quando definem estereótipos como crenças, imagens preconcebidas e cristalizadas, sumárias e parciais das coisas e das pessoas, que operam reduções destas através das quais qualificam-se pessoas e outros grupos, tornando-os objetos de preconceito. Como formulam identidades sociais, os estereótipos estão, segundo os autores, no centro dos diversos conflitos sociais.

utilizado tanto para referir-se ao Hamas quanto aos apoiadores da causa palestina e aos denunciadores da ação estatal israelense. A imagem e a palavra que constituíam os seus discursos era uma só, num enunciado aderente: “terrorismo”. O acachapante signo uma vez esgrimido, anulava a devida distinção entre o povo palestino, e sua causa, e a atuação do grupo terrorista.

Signo, símbolo e imagem, em uma época de inflação semiótica, tornam-se conectores e atratores de outros signos, símbolos e imagens, mas sem mediação semântica ou processo interpretativo (BERARDI, GHIRADELLI, 2023). Nesse contexto, por diversos mecanismos, a discursividade parlamentar evangélica conectou o “terrorismo” à esquerda, em geral, e ao governo, ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao MST (Movimento dos Sem-Terra), de modo particular.

A questão que norteia este artigo aponta para o fenômeno da fusão entre símbolos religiosos e políticos e sua instrumentalização maniqueísta no interior dos discursos proferidos no mundo político evangélico identificado com as correntes de direita. O objetivo proposto é analisar como essa discursividade, entendida como produção semiótica do conflito, tem sido utilizada para operar o maniqueísmo entre aqueles que, na junção de religião e política, ou na operação de cosmovisão da religião como política, intentaram se apresentar como “o bem” e “a luz”, contrapostos àqueles que representariam, também tomando parte no conflito, as “trevas” e a “morte”, sendo representados como “terroristas” e o “mal”. Em termos políticos, observa-se o processo que Nunes & Traumann (2023) nomeiam como “calcificação”.<sup>5</sup>

---

5 Na referida obra, os autores, partindo de uma série de pesquisas (eleitorais e de avaliação de governo), num estudo comparativo entre Brasil e Estados Unidos, analisam como a polarização política espalha-se da dimensão eleitoral e toma corpo na vida social, fazendo com que a disputa eleitoral mapeie e dirija as escolhas que os sujeitos fazem na vida social, em diversas esferas: arte, música, alimentação, lazer, economia. Tudo passa a ser observado e vivenciado a partir da lógica binária que faz o seguinte: dado um fato ou uma coisa, se meu adversário político está do lado de, ou escolhe, A, eu devo estar do lado de, ou escolher, o não-A. Assim, como veremos, no conflito em questão, se o governo e a esquerda em geral trataram de denunciar os horrores perpetrados pelo Estado de Israel, à direita e aos evangélicos caberia, apenas, estar do lado do referido ente.

No cruzamento, superposição e confluência de imagens políticas e religiosas antigas e novas dos palestinos e dos judeus, agrupados em unidades políticas modernas, a de “terrorista” será transposta ao povo palestino como um estereótipo aderente<sup>6</sup>. A partir das imagens construídas em relação ao grupo terrorista Hamas, essa pecha entrelaça-se à ideia de uma disputa na qual o “povo escolhido” (lá, a tribo de Israel; aqui, os evangélicos) se veria, como nos antigos tempos bíblicos, às voltas com inimigos que o querem expulsar do território que lhes fora confiado por Javé. Em nome dessa história mito-ideológica, nega-se o estatuto de *povo, estado e cidadania* aos palestinos, ou seja, negam-se os pilares da construção da ideia moderna de civilização, negando aquilo que seria um pilar na ordem mundial pós-segunda guerra: “todos têm direito de pertencimento” (BUTLER, 2017).<sup>7</sup>

O presente texto foi produzido a partir do seguinte percurso metodológico: a partir de uma pesquisa mais ampla, que versa sobre a atuação de parlamentares evangélicos, observamos como a nova edição do conflito foi representada entre eles, seja nos discursos no Parlamento seja nas redes sociais; coletamos esses discursos e postagens realizadas no *Instagram* e, a partir de tal observação e coleta, decidimos analisar qualitativamente

---

6 Para a definição de estereótipo aderente nos valem da definição de “aderência” e “enunciado aderente” dada por Maingueneau (2022). Para o linguista francês, o discurso socialmente enunciado possui detalhes que precisam ser devidamente compreendidos pelos pesquisadores, com destaque para os modos como “palavras, grupos de palavras, iniciais, combinações de algarismos e letras” (p. 08) são utilizados como marcas sociais sobre produtos, marcas e até sujeitos, atuando como representações destes por meio de uma “aderência”. Assim, veremos como, no caso em análise, a ideia de “terrorismo” tanto foi utilizado como um “aderente” ao Hamas como ao PT e à esquerda, nos discursos analisados, produzindo a equação falar de Hamas e de esquerda é falar de terrorismo.

7 Na referida obra, Judith Butler problematiza a histórica relação que se construiu em torno da legitimação palestina pelo reconhecimento de um estado seu frente a outras demandas com o mesmo objetivo, afirmando que: “Se um palestino expõe a mesma posição [de luta por reconhecimento de seu Estado], isso chega a ser considerado um ato ‘terrorista’. Como se tornou historicamente possível que os preceitos do liberalismo clássico fossem igualados ao terrorismo e ao genocídio no início do século XXI?” (BUTLER, 2017, p. 41). Não será nosso objetivo, nem os limites deste texto o permitiriam, discutir a legitimidade da luta palestina, mas analisar o processo de manipulação operado contra ela no caso em tela.

postagens e pronunciamentos do parlamentar que nos pareceu mais significativo quanto à utilização retórica do termo “terrorismo” - o senador Magno Malta (PL-ES), destacado apoiador da agenda política de extrema-direita, automeada como “conservadora”, no Brasil. Suas postagens no *Instagram* durante o período compreendido entre outubro e dezembro de 2023, sempre que se referiam ao conflito ou traziam-no vestido com símbolos que remontavam a Israel ou traziam a referência ao termo “terrorismo” em letras vermelhas, operando a aderência vermelho/terrorista/esquerda, como se pode ver nas imagens abaixo:

### Figuras 1 e 2 – Magno Malta critica governo Lula



Fonte: Instagram Magno Malta<sup>8</sup>

A imagem da direita, em que se vê o senador com uma blusa com a estrela de Davi, tem como legenda: “Lula, o amigo do Hamas é você!”, já apontando para a operação semântica de produção de uma imagem de Lula e seu governo como amigos dos terroristas, e com um texto com a seguinte conclusão: com o seguinte texto: “Lula persiste com uma narrativa errada a respeito de Israel, causando um constrangimento internacional e entre a comunidade judaica”. Por sua vez, a imagem da direita possuía um texto que ia mais longe no enunciado aderente de ligação entre o governo brasileiro, a esquerda e Lula, associando o que seria um braço do

8 Ver MALTA, Magno. 2023.

terrorismo aqui no Brasil: o Movimento dos Sem-Terra: *“Alguém esperava algo diferente do governo de Lula? Há apoio ao MST, defesa da legalização das drogas, do aborto e várias outras questões controversas. É lamentável! Reforço minha posição de sempre: em favor de Israel”*. Assim, “apoio ao MST”, “legalização das drogas”, “legalização do aborto” e “várias outras questões” seriam a versão brasileira dos ataques terrorista do Hamas contra Israel, seria o “terrorismo à brasileira” perpetrado contra o “povo escolhido” de cá: os evangélicos, uma vez que a oposição à agenda progressista (que incluiria as questões postas pelo senador, mas de um modo distinto da estereotipia com a qual ele lida com a questão, acionando “clichês” [AMOSSY & PIERROT, 2022]) é o que vem caracterizando a ação política de evangélicos no Brasil contemporâneo.

A escolha por esse parlamentar se deve ao fato de que, do universo observado, foi aquele que mais enfaticamente produziu a relação, fictícia e inverídica, entre o terrorismo praticado pelo grupo Hamas e a esquerda brasileira e o PT, com pretensão de efeito de verdade (CHARAUDEAU, 2008) para a opinião pública em geral e a evangélica, em particular.

O artigo tem, pois, a seguinte estrutura: na primeira parte, analisamos as interpelações contemporâneas do campo evangélico brasileiro que o levam a considerar-se como partícipe do “reino de deus na terra” a partir da representação do Estado de Israel como “terra prometida”, “nação escolhida”, “povo perseguido”, “nação dos justos”, do qual fariam parte como “herdeiros” da promessa bíblica, de modo filogenético, e por apoiarem a causa contemporânea israelense. Na segunda parte, de cunho metodológico, discutimos os conceitos de imaginário e de discurso político, compreendendo-os como mecanismos de circulação social de sentidos acerca de coisas, relações e sujeitos; por fim, a terceira parte dedicamos à interpretação analítica de postagens e discursos selecionados como *cópus* para a compreensão daquilo que enunciamos aqui como nosso objeto.

## **2 Evangélicos brasileiros: sionismo cristão e a Terra Prometida**

Para começar este tópico, um contraste. Na longa e ambígua relação entre o cristianismo e o judaísmo, há um pêndulo mítico-ideológico incrustado em eventos histórico-sociais. Ora ele vai à hostilidade, ora à amabilidade. Do lado cristão, acusam-se os contrerrâneos de Cristo de serem seus carrascos, assassinos e ressentem-se da perseguição religiosa às primeiras comunidades cristãs. Por outro lado, o legado hebraico é profundo: livros e lugares sagrados (Pentateuco, Jerusalém, a Terra Santa), ideias e símbolos (Páscoa, Deus).<sup>9</sup> Na história de longa duração das duas religiões monoteístas, dos contextos sociais-históricos em que elas se tornam formas elementares, há um estuário de heranças ressignificadas que alimentarão narrativas de hostilidade e de afetuosidade. Proximidade e distanciamento entre judeus e cristãos alternaram-se. Nas Idades Média e Moderna, houve massacres de comunidades judias, os pogroms.<sup>10</sup> Na península ibérica, durante a dominação moura, houve convívio entre muçulmanos, cristãos e judeus. A modernidade política no Ocidente também começou com a expulsão e conversão forçada dos judeus em Portugal e Espanha, potências católicas.

Há que se notar que as duas maiores expressões do cristianismo, os católicos e os evangélicos, mantiveram ambivalências na relação com os judeus e o judaísmo<sup>11</sup>. No século XIX, as ideias

---

9 Talvez seja o apóstolo Paulo um dos que marcam o momento de inflexão do cristianismo, no qual ele transitou de um caráter sectário a um caráter aberto, do ressentimento, ao perdão, amor.

10 A expressão vem do russo e significa destruição brutal. Tem sido usada para descrever ataques aleatórios a judeus, suas casas, negócios e lugares de culto. O termo nasceu na Rússia czarista em fins do século XIX, quando ocorreu várias perseguições aos judeus.

11 Do Concílio de Trento ao Vaticano II, a missa católica continha um polêmico item que orava pela conversão dos judeus, mantido ainda hoje na liturgia da sexta-feira da paixão. Há muita controvérsia em torno dessa pequena oração, por conta das traduções entre hebraico, latim e, depois, as línguas vernáculas, como o português. Todavia, quando Bento XVI em 2007 abriu a possibilidade de rezar a missa antiga, como um gesto de abertura aos católicos tradicionalistas, a passagem foi restaurada. A reação da comunidade judaica mundial foi pedir sua retirada. O trecho é o seguinte: *“Rezemos também pelos judeus: Que o nosso Deus e Senhor ilumine os seus corações, que eles reconheçam que Jesus Cristo é o*



religiosas judaicas, em face da extensa e multiestatal perseguição, adquiriram uma tonalidade política, em especial a partir dos anos de ascensão do nazismo alemão e do holocausto. Nasceu o sionismo, movimento nacionalista judaico promotor do retorno do povo judeu à Palestina e da retomada da soberania na forma de Estado, concretizado em 1948. Os EUA, recebendo massas de imigrantes judeus desde o século XIX, consolidaram-se como potência amiga, receberam organizações sionistas europeias e ajudaram a resgatar refugiados.

Dentre as ideias mítico-ideológicas que ligariam judeus e evangélicos, destacam-se as de “terra prometida” e “povo escolhido”, apropriadas e ressignificadas nos discursos e ideias propagadas por parlamentares brasileiros. Estes parecem ter construído um *corpus narrativo* estendido às esquerdas e movimentos sociais em sentido negativo, demonizador (operando a polarização). Essas forças políticas serão apresentadas como “inimigos de Israel”, aqueles que impedem a realização das promessas e perseguem o povo santo, e, por extensão, “inimigos de Deus e dos cristãos”. Esses signos imagéticos se juntam com “terrorismo” e “terroristas”, e fazem emergir um discurso conspiratório, paranoico e persecutório que tem circulado nas redes sociais e nas tribunas parlamentares.

O movimento de apropriação dessas ideias por parte do mundo cristão e sua tradução em apoio político aos judeus, num primeiro momento, e ao Estado de Israel, não é recente. Houve altos e baixos nesse movimento que é transnacional mas com cores e ênfases contextuais (locais/regionais). Sua dimensão nas igrejas evangélicas brasileiras, pentecostais, neopentecostais ou reformadas, tem sido estudada e conceituada como sionismo cristão (MACHADO, MARIZ, CARRAZANA, 2022).

Há, nesse sentido, um campo narrativo e imagético saturado das paisagens do Antigo Testamento: arca da aliança, êxodo do Egito, Moisés, faraó, pragas, abertura do Mar Vermelho, profetas

---

*Salvador de todos os homens: Deus Todo-Poderoso e eterno, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao reconhecimento da verdade, conceda de forma propícia que, mesmo quando a plenitude dos povos entrar na Tua Igreja, todo o Israel seja salvo”.*

anti-idolátricos, objetos rituais (*menorah*, *chofar*).<sup>12</sup> As liturgias pentecostais e neopentecostais trazem uma leitura do Antigo Testamento para uma ênfase na ideia de combate à adoração de deuses/ídolos e no uso de rituais mágicos com referências aos livros veterotestamentários. Diversos cultos passaram a exibir, além de objetos como réplicas da Arca da Aliança, a bandeira de Israel, referências às promessas bíblicas (terra prometida), tecnologia israelense (agricultura). Para ficarmos em apenas um exemplo, a construção e inauguração, pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a utilização de indumentária israelita pelo seu fundador, Edir Macedo, que podem ser vistas abaixo, operam exatamente nesse sentido<sup>13</sup>.

### Figura 3 – Edir Macedo e o Templo de Salomão



Fonte: Facebook Edir Macedo<sup>14</sup>

Na história recente, uma das primeiras aparições do veio político do sionismo cristão foi o voto do deputado Ronaldo Fonseca (então PROS-DF), no impedimento de Dilma Rousseff em 17 de abril de 2016. Ao justificar o voto, ele usou a expressão “pela paz em Jerusalém”. Alguns pesquisadores defendem que a atual configuração política desse discurso sionista cristão teria uma

---

12 O primeiro é um candelabro e o segundo, uma (trombeta pequena feita com chifre de animais).

13 Em texto recentemente publicado, Montero (2023, p. 84) nos diz o seguinte acerca do referido templo: *“Na visão de seus idealizadores, o desenho do templo de Salomão propõe-se a erigir uma paisagem imaginária do ‘povo cristão’, prefigurada pela cidade de Jerusalém Antiga, que, na sua versão contemporânea, se apresenta como um espaço outro e que se anuncia como cidadela protegida contra as ameaças das ‘nações inimigas’”*.

14 Ver: MACEDO, Edir. 2014.

inspiração estadunidense cuja teses teológicas, fundamentalistas e dispensacionalistas, marcaram as denominações evangélicas com os seguintes elementos: leitura literal da escritura sagrada, inerrância bíblica, cumprimento das profecias da vontade soberana de Deus na história humana através de sete dispensações, segundo vinda de Cristo.

O comprometimento do cristão, nesse discurso, deve ser com a causa judaica, com a questão nacionalista. O zelo religioso deve levar à luta contra o ódio aos judeus, contra os “inimigos do povo eleito”. Os destinos dos cristãos tomam, de fato, uma direção correta, caso eles se relacionem positivamente com o Estado de Israel. *Sola fides, sola scriptura, sola gratia*, princípios basilares da Reforma, são obnubilados e encobertos pelo sionismo cristão.

A forte proximidade entre os evangélicos de direita e o Governo de Israel, também de idêntico espectro político, envolve uma gama complexa de signos, imagens e movimentos que vão desde o imaginário milenar da *Terra Santa*, passando pelo turismo religioso evangélico (que inclui o batismo no Rio Jordão<sup>15</sup>), chegando às afinidades políticas entre as direitas israelense e brasileira. Crome (2018), Westbrook (2014), Ariel (2006) e Hummel (2019) discorrem sobre as afinidades ideológicas dos evangélicos com os judeus e ações políticas de movimentos cristãos transnacionais pró-Estado de Israel. O que redundou no surgimento de novas teologias e atores coletivos sionistas e formas diversas de justificativas e de engajamento dos cristãos em ações políticas em defesa do Estado de Israel.

Segundo as autoras, “as formas plurais de sionismo entre os as condições para o desenvolvimento de movimentos sionistas cristãos nas configurações sociais variam”. Concorre para isso, “[...] as articulações internas dos próprios movimentos e os vínculos dos cristãos locais com os centros irradiadores do sionismo no plano internacional (USA-Europa)”, e, continuam elas “[...] as relações políticas estabelecidas entre o Estado de Israel e a configuração nacional do Estado em questão, que podem ser muito diferenciadas a depender dos interesses de ambas as partes.”

---

15 Note-se que o ex-presidente Jair Bolsonaro, líder da extrema-direita brasileira, foi batizado no Rio Jordão pelo Pastor Everaldo, candidato a presidente em 2014, ex-presidente do antigo PSC (Partido Social Cristão) e preso por corrupção em 2020.

Todavia, resta compreender como se opera a ligação entre “inimigos de Israel” e “terroristas”, deslizando para produzir um enunciado aderente no PT, no MST e na esquerda, entendidos como “terroristas”. Há, aqui, uma variedade imensa de tons e sobretons na relação ambivalente entre evangélicos e Israel. Em nível *litúrgico-teológico*, há a simpatia pelas profecias do Antigo Testamento, o fascínio pela Terra Santa (e os eventos-lugares do Antigo e Novo Testamento) e o papel dos judeus para o “Reino de Deus”. Há a empatia pelo sofrimento dos judeus em sua longa história de rejeição, perseguição, assassinato. O Holocausto, perpetrado por Hitler e pelos nazistas, é um cume. A Palestina é vista como refúgio e se junta ao mito bíblico da Terra Prometida.

O nível *político* aparece com a associação da suposta vontade divina com a história. Nesse sentido, faz parte desse espectro mito-ideológico a analogia entre o destino das nações e a férrea vontade de Deus. O *destino manifesto estadunidense* é expressão desse movimento. Por ele, EUA e Israel – antigo e moderno sobrepostos – seriam peças centrais do plano divino. Desse tronco, faz parte um outro movimento, no qual os parlamentares evangélicos de extrema-direita parecem ter sua base imagético-sígnica. É nele que se traz ao primeiro plano, a ideia de oposição à vontade de Deus, feita por um inimigo de mil disfarces (diabo-satanás-demônio), cruel, astuto, brutal, que atrasa e sabota o cumprimento da vontade de Deus e provoca o terror contra os eleitos, judeus e cristãos, vistos como irmãos na promessa de redenção divina e no sofrimento imposto por perseguidores (do faraó aos governantes modernos).

Entra aqui o último nível, o *mito-ideológico*, onde se assenta a ideia de terror, e o terrorismo. O terror possui diversas definições e pode ter como motor ideologias religiosas ou políticas, mas, em geral, é uma ação dirigida para causar pânico e caos a partir do uso de extrema violência, brutalidade contra cidadãos comuns ou autoridades. Foi e tem sido praticado por grupos que esposavam ideais libertárias, de direita ou de esquerda. Não é possível percorrer a abundante discussão, mas podemos dizer, grosso modo, que as motivações políticas foram preponderantes, num primeiro momento, com atentados dirigidos a alvos específicos (políticos

eleitos, primeiros-ministros, deputados, reis, aristocracia herdeira). Num segundo momento, veio a motivação religiosa nascida de leituras apocalípticas de textos sagrados, não à toa, muito forte nas religiões do livro, cuja identidade provêm de suas disputas teológicas interpretativas.

O terrorismo também estava adscrito ao campo cristão extremista. Em abril de 1995, dois supremacista brancos cristãos - Timothy McVeigh e Terry Nichols -, explodiram um caminhão abarrotado de explosivos na cidade de Oklahoma e mataram 168 pessoas, 15 delas crianças. Dois anos antes, em fevereiro/março de 1993, o cerco de Waco, Texas. Durante 51 dias forças federais cercaram uma seita evangélica, oriunda da Igreja Adventista, suspeita de compra, venda e modificação de armas ilegais. Uma série de problemas culminaram com a invasão do complexo rural onde estavam o líder, David Koresh, que se afirmava messias. Oitenta e seis pessoas morreram num incêndio onde estava sendo cercadas. O que chama atenção, especialmente no ato terrorista cristão de 1993 e no de 2001, foi o caráter midiático massivo e em tempo real que repercutiu nas mídias sociais e na *internet* daquela época, que se tornou outra coisa nos dias que correm, muito mais complexa. Se esses eventos alimentaram a circulação de teorias conspiratórias, as mais absurdas, associando os signos mais distintos sem encadeamento interpretativo semântico legítimo, a configuração contemporânea das plataformas, em última instância efeito de uma organização social-econômica, tornou esse processo mais acelerado, mais espalhado e mais problemático.

Por uma série de associações, o inimigo de Deus, e do povo eleito (judeus e cristãos) é identificado com o Islã. Esse elemento reverberou mais a partir do atentado às Torres Gêmeas (Nova York/EUA), em setembro de 2001. Depois, em março de 2004, em Madrid, quando um atentado terrorista que matou 193 pessoas, promovido por grupos fanáticos islâmicos.

De qualquer modo, o filossemitismo evangélico, e sua paixão por Israel - o mítico-bíblico e o do governo de extrema-direita moderno -, tem o pano de fundo do apocalipse, o retorno de Cristo e o fim da história, do tempo e do mundo. Nessa leitura, Deus cumprirá as profecias empenhadas aos israelitas, restabelecerá

o reinado dravídico em Jerusalém, de onde Cristo governará o mundo por mil anos. São as ideias milenaristas e o pré-milenaristas. Essas teologias estão cheias de imagens que realçam eventos espetaculares (arrebatamento), guerras, fenômenos naturais horrendos, bestas soltas, enfim, imagens de terror.

### **3 Imaginário: a linguagem discursiva da política**

Antes de passarmos à análise do material empírico selecionado, convém apontar alguns elementos que nos serviram de norte para a compreensão semântica dos discursos enunciados por parlamentares evangélicos com o objetivo de produzir sentidos de verdade entre seus pares. Para isso, nos valem dos conceitos de imaginário e discurso político.

Toda sociedade produz e faz circular um conjunto de conhecimentos e de pensamentos que articulam as imagens, os sentidos e os modos de classificação por meio dos quais seus sujeitos experimentam e avaliam o mundo, fazendo seus juízos acerca dele a partir de tais classificações, atuando tais conjuntos como filtros da realidade. Através destes, a realidade lhes é mostrada a partir de operações que dizem respeito à “produção do verdadeiro” e que “constroem” a própria realidade na qual estão inseridos (DURKHEIM, 1990; BERGER, LUCKMANN, 1973). Ao apontar para a ideia de “saberes”, produtos de conhecimentos e pensamentos que circulam socialmente, estamos falando de algo que se constrói na e pela linguagem, mecanismo por meio do qual os homens são capazes de dizer algo sobre o mundo, de nele estarem de modo reflexivo, estando em condições de emitir juízos, de valor ou de realidade (DURKHEIM, 1994),<sup>16</sup> sobre este mesmo mundo.

---

16 Para Durkheim, existem aqueles julgamentos que visam expressar tão somente aquilo que existe, para que isso seja enunciado de modo descritivo, dizendo respeito tão somente aquilo que pode observar diante de certos objetos, nos fazendo poder afirmar determinados estados das coisas ou dos sujeitos, ou seja, nos dá condições de reconhecer um fato. Estes seriam os juízos de fato. Por sua vez, podemos também nos guiar pelo objetivo de valorar aquilo cuja existência atestamos como fato mas que possuem significados para além da factualidade, pois sobre ele emite um valor, um juízo.

A esse conjunto de conhecimentos e saberes, a partir do qual se desenrola a vida social, ou seja, a partir de onde os sujeitos elaboram pontos de vista sobre a realidade na qual estão inseridos – apontando para os modos como o mundo é nominado, qualificado, descrito e explicado –, ressignificando todo o conjunto da organização social, podemos chamar de “imaginário”, uma vez que, seguindo a definição de Charaudeau (2008, p. 203), esses saberes “constroem o real como universo de significação” de modo tal a parecer-lhe, o mundo, algo coerente; são enunciados de diferentes modos pela linguagem e “circulam no interior de um grupo social”, servindo-lhe como “norma de referência para a orientação de seus membros”. Logo, segundo a definição do autor, falar de imaginário é falar de “imagens”, representações, interpretações da realidade que atuam sobre a própria realidade que representam, fazendo surgir, desta representação, uma outra realidade significativa.

Teríamos, assim, o real; este seria filtrado pelo imaginário (discurso e linguagem), produzindo um segundo real, o real imaginário (que não diz respeito a uma ideia de “falso”, mas a algo significativamente real, imaginariamente real), o real interpretado, o real significado. Assim, quando utilizamos o conceito de imaginário não estamos fazendo referência a algo que se oponha ao verdadeiro, mas sim a algo que se ancora na visão de um determinado sujeito sobre a ordem social na qual está inserido, tomando, para ele, feições de verdadeiro, uma vez que se ancora em valores e crenças coerentes, que lhe organizam o mundo, atuando como “força de verdade” ou “imperativo do verdadeiro”. Tal efeito é possível de se dar porque a representação da realidade atua, ao mesmo tempo, como um saber de conhecimento, por meio do qual se explica o mundo e se age sobre ele; e como um saber de crença, por meio do qual o mundo e as relações são percebidos a partir de uma ideia preconcebida, um clichê ou estereótipo (CHARAUDEAU, 2022).

Logo, há uma realidade experimentada em si mesma pelo homem, e há aquela que é apreendida por ele de modo significativo, ou seja, que passou por um processo de significação. Há o confronto entre Israel e Hamas, como fato em si: bombas, interesses, mortes, exílio, fome etc; e há o modo como tal conflito nos é representado: Israel X Palestina, terrorismo, injustiça, castigo,

ação divina etc. A realidade não “é” em si mesma, mas “é” tal como percebida, e é percebida por meio dos discursos que sobre ela são elaborados e cridos como verdadeiros.

O imaginário é um modo de apreensão do mundo que resulta de um processo de representação por meio de uma atividade intersubjetiva, ao mesmo tempo afetiva e racional. Assim se constroem, por meio da fala, universos de pensamento ora investidos de *pathos* (o saber como afeto), ora de *ethos* (o saber como imagem de si), ora de *logos* (o saber como argumento racional). Esses universos resultam de uma combinação de razão racional, de razão emocional e de razão imaginativa, instituindo tantas verdades que se depositam na memória coletiva (CHARAUDEAU, 2022, p. 26. *Grifos do autor*).

A operação de produção e circulação de imaginários, ou seja, de saberes de crença e de conhecimentos prévios sobre a realidade, como nos lembra Charaudeau, é ainda mais eficaz quando se considera o universo da política, espaço onde se produz o “falar verdadeiro” e o “crer verdadeiro”, acionando, nessa operação de falar e fazer crer, imaginários sociais, cabendo aos pesquisadores identificar como se produzem, atuam e circulam tais “efeitos de verdade”, e também compreender como se torna possível crer nesses imaginários, identificando aquilo que os tornam críveis ao grupo social em questão. O discurso político é, pois, o *locus* privilegiado de circulação de tais imaginários (CHARAUDEAU, 2006), envolvendo tanto um *dizer* quanto um *fazer* que age com intenção de produção do verdadeiro, digno de crédito.

Mas, qual seria o objetivo principal do discurso, em geral, e do discurso político, em especial? “Manipular”, no sentido de guiar, escolhas políticas. Produzir, a partir dele, escolhas que, de outro modo, não seriam feitas e não o seriam do modo como o foram. Como seriam representados, por exemplo, os conflitos na Faixa de Gaza sem a semântica do “terrorismo” versus o “estado de Israel” entendido como “terra prometida”? Então, o discurso político se dirige à conquista da opinião pública, objetivando a construção da realidade. Essa construção passa pelo processo de uma outra:



a identidade das coletividades que constituem a vida social. O que são os outros e como o são, e o que somos nós que nos distinguimos deles? Como nos diferenciamos, enquanto coletividade outra? Quais são os grupos que compõem uma dada sociedade, e como eles “devem” ser vistos? Quem deve dominar e quem deve ser dominado? Essas repostas produzem aquilo que se conhece por opinião pública.

Então, como poderíamos compreender o estatuto da análise do discurso?

[...] analisar o discurso não consiste apenas em repertoriar os temas e pôr em evidência as ideias que estes representam. É pela maneira como essas ideias são encenadas que se desenvolve a dramaturgia política: uma ideia, primeiramente, vale pela maneira como é colocada no discurso, e então como é executada. Não basta repertoriar a quantidade de palavras empregadas por um determinado político (homem ou mulher) para interpretar seu posicionamento e sua estratégia discursiva. [...] É na situação de enunciação que as palavras revelam os pensamentos, as opiniões e as estratégias daquele que as emite (CRARAUDEAU, 2016, p. 20).

Assim sendo, a importância da compreensão do imaginário é que ele nos possibilita, enquanto analistas da sociedade, identificar que significações produzem unidade e coerência à sociedade ou a grupos que dela fazem parte, como ela se consolida enquanto modo instituído de ser e crer, permeando as relações sociais diversas. Logo, como se produz, ou se tenta produzir, uma unidade de compreensão, num “dizer” e num “crer” verdadeiros, sobre aquilo que, “de fato”, estaria em disputa ali na Faixa de Gaza? Quem agiria com violência: o Estado de Israel ou os palestinos? O estado de Israel é apenas uma organização estatal ou é o “Israel” bíblico? Tudo isso diz respeito a imaginários materializados, que produzem força de verdade e que o fazem por meio de diversos mecanismos de persuasão, como o é o discurso político.

#### **4 “A esquerda brasileira é contra o povo eleito, é terrorista”: representações dos parlamentares evangélicos sobre o conflito**

Nesse momento do texto apresentaremos e analisaremos a associação discursiva entre terrorismo, inimigos de Israel e esquerda brasileira produzida por parlamentares evangélicos no Plenário do Congresso e nas redes sociais. O conjunto de parlamentares evangélicos reúne, hoje, mais de 100 eleitos (se ficarmos somente com os deputados federais e os senadores – no caso do Ceará, por exemplo, temos na Assembleia Legislativa 06 deputados estaduais que se identificam e atuam em prol dos “interesses cristãos” naquela Casa, e mais de 10 na Câmara Municipal<sup>17</sup>), com bastante poder econômico, midiático e de mobilização, filiados a diversos partidos políticos, com destaque para o Partido Liberal, o Progressistas, o União Brasil e o Republicanos.

Depois de uma estreita aproximação a Jair Bolsonaro durante a eleição de 2018, com a publicação de documentos de apoio explícito ao então candidato e de uma identificação radicalizada de seu governo, com destaque para o apoio a todas as medidas levadas a cabo durante a pandemia de Covid-19, a vitória de Lula na eleição de 2022 trouxe embaraços ao conjunto de parlamentares acerca da posição a ser tomada: de apoio, de crítica radical ou de tentativa de aproximação descomprometida. Contudo, diversas foram as ocasiões em que a referida bancada utilizou-se dos mais diversos argumentos para identificar o governo de Lula como “inimigo” dos valores cristãos, com destaque para portarias do Ministério da Saúde acerca dos procedimentos abortivos ou de declarações do presidente ou de membros do governo que iriam de encontro ao que seriam os “valores cristãos”. Assim, a mais recente edição de confrontos entre o Hamas e o Estado de Israel apresentou-se como uma oportunidade ímpar para alimentar a polarização/calcificação que deu o tom da campanha presidencial.

Tão logo registrado o ataque de outubro de 2023 na Faixa de Goza, começaram a circular por aqui imagens e discursos produzidos para tentar persuadir (fazer crer) parte da opinião pública

---

17 Sobre a atuação de parlamentares nas duas Casas citadas, ler: Silva & Silveira (2021a, 2021b).

de que ali se desenrolava um conflito “contra” Israel, entendido não como Estado mas como ente bíblico, e, como tal, um ataque perpetrado por sujeitos, tidos como “terroristas”, sinônimo de “esquerda”, que se levantavam contra a “promessa bíblica” da “terra prometida”, afastando evangélicos do cumprimento da promessa. Quem, pois, estivesse do lado contrário, ou seja, quem manifestasse o mínimo de apoio aos palestinos estaria, automaticamente, contra o Israel bíblico e, por aqui, isso significaria estar do lado contrário aos cristãos evangélicos.

Assim, num polo, Israel, evangélicos, vitimados por ataques que, ao fim e ao cabo, pretendiam não apenas enfrentar militarmente uma coletividade; no outro polo, o Hamas, os terroristas, a esquerda, os que se opõem ao desígnio de Israel e dos cristãos.

Dividimos esse momento analítico em dois passos: no primeiro, destacamos falas de dois deputados, dentre diversos outros membros da bancada evangélica, que caminharam na linha argumentativa a que aludimos na Introdução do texto, ou seja, tratando de identificar o terrorismo do grupo Hamas ao PT e ao governo, sendo estes entendidos como, também, “terroristas”. Em seguida, nos centramos em três discursos proferidos pelo senador Magno Malta (PL-ES), onde melhor se observa a força da argumentação.

Vejamos a seguir:

*\*Deputado Nikolas Ferreira (PL-MG)*, deputado federal de primeiro mandato, alcançado a marca de terceiro deputado federal mais votado, em 2022, com quase 1 milhão de votos. Sua atuação tem sido ancorada na agenda conservadora de extrema-direita, com destaque para polêmicas produzidas no campo das políticas de gênero. Em discurso proferido em 10/10/2023, problematizou a “dificuldade” encontrada pelo Ministério dos Direitos Humanos do Brasil e pelo Ministério da Justiça em incluir o termo “terroristas”, aludindo ao Hamas, numa nota de repúdio aos atos praticados na Faixa de Gaza.

Como se verá abaixo, o deputado questiona a utilização do termo “terrorista” para se referir aos apoiadores do ex-presidente que invadiram as sedes dos Três Poderes em Brasília, em janeiro de 2023 (o que seria inadequado), e sua não-utilização para qualificar os inimigos de Israel, ou seja, o Hamas; inclusive, seu

discurso, que não nega o que acontece a “civis” palestinos, aponta para a ideia de ser mais importante nomear o Hamas como terrorista do que denunciar a violência contra palestinos civis:

Qual é a dificuldade de se colocar o nome dos responsáveis pelos terroristas? No perfil do Ministro da Justiça, Flávio Dino, não há nenhuma palavra referente a terrorista e Hamas, no Twitter, nas redes sociais. Somente é terrorismo quando diz respeito ao 8 de janeiro, mas nem uma palavra do Ministro da Justiça com relação ao que está acontecendo com o Hamas: 40 crianças sendo decapitadas, mulheres sendo estupradas, e nenhuma palavra do Ministro da Justiça. [...] Estamos vendo a dificuldade da Esquerda em repudiar os verdadeiros responsáveis por essa matança. Não tem condições, isso aí não tem condições. Não tem condições as pessoas ficarem completamente cegas a ponto de não conseguirem repudiar o Hamas. Isso realmente é inacreditável. Dizer que os civis da Palestina, muitos ali, sofrem com essa guerra é óbvio. Isso é fato [...]. Eu acabei de pedir claramente: “Quem coloca o Hamas como terrorista aplauda”. A Esquerda ficou em silêncio (FERREIRA, 2023).

A operação discursiva nos parece ser a seguinte: o factual, os ataques realizados na Faixa de Gaza, são importantes no sentido em que, por meio dele, se pode identificar a “dificuldade” narrada pelo deputado de se reconhecer, pela esquerda brasileira, uma atuação definida como “terrorista”: ao negar-se a reconhecer o ato como praticado por terroristas, a esquerda e o governo estariam se associando aos crimes perpetrados ali; sua resistência em nomear estaria, assim, dando provas de sua relação com o Hamas. Os inimigos de Israel, lá, teriam aqui como que embaixadores, que se negam a se acusar, ao se negar a acusar o grupo terrorista. O silêncio de parlamentares do governo à sua fala faz o deputado atestar que, de fato, a associação por ele discursivamente anunciada seria verdadeira.

*\*Deputada Clarissa Tércio (PP), parlamentar de primeiro mandato na Câmara Federal, depois de um mandato como deputada estadual do estado de Pernambuco, tendo sido a segunda mais*

votada em 2022 e tendo visto seu marido, Pastor Tércio Júnior ser eleito como o mais votado deputado estadual em Pernambuco, em 2022. De destacada atuação na agenda política da extrema-direita, se notabilizou como um dos nomes fortes do bolsonarismo em seu estado, e uma forte crítica da esquerda. Em discurso proferido em 09/10/2023 tentou produzir uma imagem de estreita relação entre o Hamas e Lula, denunciando horrores produzidos pelo grupo terrorista contra israelenses, silenciando sobre ações sangrentas contra palestinos, pondo o Brasil na contramão do mundo por não denunciar as ações terroristas (embora, destaque-se, que desde o início do atual confronto o governo Lula tenta se manifestado contra as ações violentas de ambos os lados:

*[...] o mundo testemunha o terrorismo do grupo Hamas contra o Estado de Israel. Ness sábado, os israelenses foram atacados, mais uma vez, por fundamentalistas que simplesmente não aceitam a existência de Israel.[...] Uma pergunta que não quer calar: qual o motivo de o Presidente Lula não ter agido com firmeza nem sequer ter citado o grupo terrorista Hamas, quando falou dos ataques? [...] E o Brasil está colaborando com a defesa dos israelenses nesse momento? [...] É desumano ver o Brasil adotar um tom tão ameno, diante desses ataques assombrosos. Será que é por que o Hamas parabenizou o Presidente Lula quando ele ganhou as eleições no Brasil? O grupo terrorista Hamas violenta, sequestra crianças e mata famílias inteiras. Grupo terrorista que disse agora que, a cada contra-ataque de Israel, iria responder matando um refém que foi sequestrado; grupo terrorista Hamas, que coloca crianças dentro de jaulas e sorri da dor no rosto das crianças israelenses. (TÉRCIO, 2023)*

Nos dois discursos está clara a associação entre palestinos, Hamas, terrorismo, governo Lula, esquerda, bem como o lamento pela não-condenação explícita do governo brasileiro às ações do Hamas, bem como a posição da esquerda brasileira como contrária ao estado de Israel, insinuando, ou fazendo “crer como verdadeira”, uma relação entre a esquerda e o terrorismo, cujo exemplo seria uma suposta proximidade com o Hamas, que seria expressa, inclusive, pela congratulação do grupo à eleição do presidente Lula.

Mais ilustrativos, contudo, são os discursos proferidos pelo senador Magno Malta, seja no Plenário do Senado Federal, seja por meio de imagens compartilhadas em suas redes sociais. Além de mostrar-se sempre radicalmente associado a Israel (ao mesmo tempo como “estado” e como “terra bíblica”), em especial por meio da utilização de vestimentas ou insígnias como a bandeira, tratou de relacionar estreitamente o governo, o PT e o presidente Lula às ações tidas como “terroristas” em curso na Faixa de Gaza e que encontrariam paralelo aqui nas ações do que o parlamentar entende como “de esquerda”, como veremos mais à frente, sempre vendo como horripilantes aquelas ações desencadeadas pelo Hamas, sem nunca mencionar os horrores cometidos contra palestinos. No imaginário que o senador faz circular há, portanto, a ideia do significativo terrorismo como qualificativo definidor do Hamas. Vejamos algumas imagens de seu *Instagram*:

**Figura 4 – Hamas terrorista**



Fonte: Instagram Magno Malta

Com um fundo vermelho, para lembrar a cor utilizada pela esquerda e pelo PT, e com uma sugestiva legenda – “*para quem apoia o Hamas*” -, o senador relata a morte de uma senhora de 90

anos como parte de um persistente “antissemitismo” que teria se iniciado com a política genocida de Hitler e que continuaria pelas ações do Hamas, violência essa que encontrava sujeitos dispostos a tolerá-la (a esquerda?). Em letras destacadas, a expressão “sangue frio” em vermelho produz a ideia de horror pela forma como ela foi assassinada, ao mesmo tempo em que se induz o horror à cor da esquerda. A frieza do ato remete à prática criminosa e ao imaginário da esquerda.

No mesmo sentido, a imagem abaixo “denunciava” o que seria a “irresponsabilidade” do PT em “equiparar” Israel ao Hamas, no sentido de denunciar o cometimento da violência praticada tanto pelos terroristas como pelo Estado. Assim, o PT estaria, ao denunciar ações de Israel, estaria criando “narrativas” para desmerecer as ações tomadas pelo Estado israelense, taxando-as de “violentas” como o eram as ações terroristas. Em outras palavras, é como se o senador dissesse que haveriam vidas mais importantes, e que, assim sendo, seria mais grave atacá-las (a vida dos judeus) do que as demais (a dos palestinos), e uma violência, ao que parece, mais aceitável do que outras. Vejamos:

**Figura 5 – PT e Hamas**



Fonte: Instagram Magno Malta

Na legenda da imagem, que começava com uma indagação – “*fake news?*” – apontava-se para uma “tentativa do PT de equiparar Israel ao Hamas” como algo “irresponsável”, uma vez que os dois entes, de naturezas diferentes, seriam bastante distintos – um digno, o outro indigno –, não passando de “narrativas” as denúncias feitas de supostos ataques daquele estado contra palestinos; parece, mesmo, que na argumentação utilizada não existe uma distinção entre *palestinos* e *terroristas* do Hamas. Logo, o que existiria seria uma tentativa persistente da esquerda brasileira, de Lula e do PT, dadas suas supostas ligações com os terroristas de lá, acusarem o tempo todo Israel de atos bárbaros que, na verdade, seriam próprios daqueles que se opõem ao sonho israelense do Estado, da “terra prometida”, do começo terreno do reinado do Messias. Por isso mesmo é que merecerá destaque a reação da embaixada de Israel à nota em que o PT denunciava os ataques contra os palestinos, uma vez que estes, palestinos, parecem não existir nesse discurso, apagados que são pelo significante “terroristas”.

Uma suposta “relação” entre PT, esquerda e terroristas é sugerida na legenda da imagem seguinte, que aponta para uma “aliança complexa” entre esses agentes, chegando mesmo a afirmar que “a esquerda brasileira e o grupo terrorista compartilham uma visão”, mostrando como “preocupante” a resistência do governo brasileiro em se unir a “manifestações de apoio a Israel”.<sup>18</sup>

---

18 Ver: MALTA, 2023b. Em duas outras ocasiões o senador utilizou suas redes para produzir a crença da relação estreita entre esquerda brasileira e o grupo terrorista Hamas: na primeira, destacou um ato do Partido da Causa Operária (PCO) em prol do Hamas (ver: MALTA, 2023c.), com uma imagem em que se lia que o PCO havia se dito “1.000% com o Hamas” e uma legenda com a pergunta, em letras vermelhas: “quem defende terroristas, o que é?”; e uma outra em que se lia que um empresário havia saído da campanha do deputado federal Guilherme Boulos (PSOL) à prefeitura de São porque este havia declarado apoio ao Hamas. A identificação entre esquerda e terroristas também se expressa, nas redes do senador, por uma afirmação de que “a esquerda defende organizações como o Hamas, o PCC e o Hezbollah”, ou seja, os terroristas daqui se unem aos terroristas de lá, fazendo com que os herdeiros da “promessa” daqui (evangélicos) sofram perseguição como os de lá pelos mesmos atores: os terroristas. Em suas palavras: “o terrorismo praticado em Israel é do mesmo nível que o praticado pelo PCC e outras organizações criminosas aqui no Brasil. Lá e aqui, esses grupos espalham medo, nos deixando como reféns dentro de nossas próprias casas. Me entristece, mas não me surpreende, é ver a esquerda passando a mão na cabeça desse tipo de comportamento. Há tempos eles defendem organizações criminosas e atos de terrorismo. Gente grande do



**Figura 6 – PT x Israel**

Fonte: Instagram Magno Malta

No dia 10 de outubro de 2023, o senador se pronunciou duas vezes no plenário do Senado acerca dos ataques do Hamas na Faixa de Gaza. Na primeira vez, utilizando a tribuna da Casa para apresentar as razões do Requerimento 896/2023, de sua autoria, em que propunha que os senadores emitissem “voto de solidariedade ao Estado de Israel” e, ao mesmo tempo, repudiassem os ataques do “grupo palestino Hamas”. Duas coisas, a nosso ver, se destacam de partida: 1- não se fala de solidariedade aos “israelenses” mortos nos ataques do Hamas, como se tais sujeitos não existissem, mas fala-se apenas do “Estado de Israel”; 2- inexistente o qualificativo “grupo terrorista Hamas”, substituído pela expressão “grupo palestino”. Assim, de um lado está o “estado de Israel”, do outro o “terrorismo palestino”; lá, civilização; aqui, barbárie.

Vejam os trechos deste discurso<sup>19</sup>, a partir de categorias analíticas:

1-A relação da esquerda brasileira com o terrorismo mundial: “[...] veja esse cerco ideológico no mundo, quando o líder maior do MST aqui dá uma entrevista e diz: ‘Parabenizo o Hamas por ser um grupo de resistência, tão somente um grupo de resistência!’. Terroristas covardes! Quando recebem o apoio do Hezbollah, da Jihad Islâmica, que começam a atacar Israel ao mesmo tempo [...]”;

---

governo, como o ex-ministro Celso Amorim, já escreveu até um livro em favor do Hamas, terroristas que não desejam outra coisa a não ser a destruição total do Estado de Israel” (Ver: MALTA, 2023d).

19 Ver MALTA, 2023e.

2- O cerco “árabe” contra Israel e a posição dos que se postam do lado contrário ao de Israel: *“O mundo árabe cerca Israel. Israel quer paz, e eles não querem paz. Eles não querem alargar o território palestino; eles querem aniquilar os judeus. Eles querem aniquilar toda e qualquer pessoa que diz amar Israel”*;

3- A equiparação Israel-cristãos evangélicos e o lugar que cabe aos que “odeiam” Israel (leia-se: denunciam os horrores da guerra): *“Nós, cristãos, somos o novo Israel. A Bíblia é nossa regra de fé e prática e diz que nós somos enxertados em Cristo. Nós somos o novo Israel. Assim como com o primeiro Adão entrou o pecado no mundo, diz a Bíblia, a salvação entrou pelo segundo Adão, ou seja, Cristo Jesus. Alguém tem ódio de Israel? Brigue com Deus. É a nação que Deus escolheu para si. Alguém odeia Israel? Odeia Deus. É a nação que Deus escolheu para si”*;

4- Resistência do governo Lula em reconhecer os terroristas e a pecha de terrorista aos movimentos políticos brasileiros: *“Dois ministros do Governo Lula... Aliás, todos se solidarizando com o Hamas, que é um grupo de resistência. Eles não são terroristas. Terroristas somos nós. Terrorista é a irmã Ilda. [...] O Stédile, nem se diga. O terror imposto pelo MST àqueles que geram 25% da balança comercial deste país, que é o agronegócio. E não são chamados de terroristas.”*

Após esse discurso de apresentação do requerimento, o senador enuncia um outro<sup>20</sup>, em que defenderia as razões de tal apresentação. Segundo ele, convencido dos horrores realizados contra brasileiros que estavam na Faixa de Gaza, o impressionava o *“tipo de apoio que a esquerda do mundo, inclusive brasileira, e líderes do Hamas, que foram recebidos aqui no Brasil, dias antes desse ataque, por ministros desse governo”*. Apesar de reconhecer o envio de aviões da FAB para o resgate de inúmeros brasileiros que corriam risco de vida na região dos conflitos, tido pelo senado como algo que se assemelhava a *“passar o pano”* para o governo que, além de apenas *“cumprir seu dever”*, observa nos *“líderes de esquerda aqui”* nenhum *“amor à vida”*, uma vez que estariam de mãos dadas a *“terroristas”* que decapitariam crianças.

---

20 Cujá íntegra pode ser encontrada em MALTA, 2023e.

A conclusão de seu discurso ilustra, de modo ainda mais estreito, a relação elaborada que produz a dupla associação *Israel-cristãos-evangélicos*, de um lado, e *Hamas-palestinos-terroristas-esquerda*, de outro, como se pode ver abaixo:

O Brasil, de fato, em 1948, sob a caneta de Oswaldo Aranha, criou o Estado judeu, e nós cristãos no mundo – nós cristãos no mundo – amamos Israel. Nós que não temos qualquer queda para o comunismo, para o socialismo amamos Israel. Na verdade, eles não querem é o alargamento de terras, eles não querem tomar o território de Israel; eles querem é destruir Israel, querem é aniquilar os judeus. E, agora, o Hezbollah, que faz essa parceria nessa dupla e também ataca Israel, diz que não está somente querendo aniquilar os judeus, os israelenses, mas aniquilar os cristãos. Então, todos nós estamos sob risco, em vista das declarações dos esquerdistas dadas aqui no Brasil. Eu agradeço, agradeço àqueles que subscreveram, que assinaram e que realmente pensam como nós cristãos no mundo pensamos sobre Israel.

Se visualiza, assim, uma fusão discursiva entre a criação do Estado de Israel, em 1948, como algo realizado por “cristãos” – seguidores de Cristo teriam “criado” um Estado para aqueles que, ainda hoje, não reconhecem o Cristo como salvador ou filho de Deus enviado ao mundo; e criaram “por amar”. Estes, os cristãos, que não se inclinam ao socialismo ou ao comunismo, significantes utilizados como acusações em relação à esquerda no Brasil, devem saber que não se trata de uma disputa por territórios, seja para os palestinos seja para os judeus; o que os terroristas de lá e os de cá querem é “destruir Israel”, destruição esta que, não sabemos de que modo, diz respeito não às vítimas do Hamas na faixa de Gaza, mas, sim, a outras vítimas: “os cristãos”, que não estão lá, mas aqui. A guerra feita pelo Hamas contra Israel é, na verdade, prenúncio da guerra que a esquerda brasileira faria contra os cristãos; não é a destruição de Israel, mas a dos cristãos, o resultado esperado.

## 5 Considerações finais

O objetivo desse artigo foi o de analisar, a partir de discursos parlamentares no Congresso Nacional e nas redes sociais, como se produziram correlações entre palestinos, membros do Hamas, esquerda brasileira e Partido dos Trabalhadores a partir do qualificativo “terrorista”, acionando um imaginário a ser denunciado e combatido, lá e aqui. O perigo do “ataque terrorista” que o mundo assistia ser perpetrado na Faixa de Gaza se reproduzia, imaginariamente, aqui, não contra “o povo de Israel”, mas contra “evangélicos”, o “novo Israel”.

Dentre as inúmeras representações que circularam por ocasião desta nova edição dos horrores do conflito Israel-Hamas, se destacam duas: 1- a ideia do Estado de Israel como epifania da “terra escolhida” narrada biblicamente, numa confusão entre a *tribo de Israel*, a *nação de Israel* e o *estado* criado na segunda metade do século XX, sendo aquele território, no qual se desenrolam as disputas sangrentas do Oriente Médio, o próprio “*reino de Deus nesta terra*”<sup>21</sup>; 2- a ideia de que o grupo terrorista Hamas atua em nome do povo palestino, levando à falsa assertiva de que denunciar os horrores perpetrados pelo Estado de Israel é postar-se ao lado dos palestinos, ou seja, do Hamas e, assim, estar ao lado dos terroristas; tal operação, como veremos, foi construída e manipulada por parlamentares evangélicos no Brasil em mais um mecanismo de corrosão da legitimidade de Luís Inácio Lula da Silva, de seu Partido, do governo e da esquerda frente ao eleitorado evangélico.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e clichês**. São Paulo: Contexto, 2022.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.

---

21 Há uma imaginária relação, no sentido mesmo de fictícia, mito-ideológica entre o *Estado de Israel*, a *tribo de Israel* veterotestamentária e a *Terra Prometida*. Na raiz desse fenômeno está o sionismo cristão (MACHADO, MARIZ, CARRAZANA, 2022).

BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes**: judaicidade e crítica do sionismo. São Paulo: Boitempo, 2017.

CARPENEDO, M. **Becoming Jewish, Believing in Jesus**: Judaizing Evangelicals in Brazil. Oxford University Press, 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade**: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade. São Paulo: Contexto, 2022.

\_\_\_\_\_. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **O discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. O discurso político In: WANDER, Emediato et all (orgs.).

**Análise do discurso**: gêneros, comunicação e sociedade. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2006.

DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia**. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990

\_\_\_\_\_. Émile Durkheim: **sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1984. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

FERREIRA, N. Intervenção durante sessão ordinária 201. **Câmara dos Deputados do Brasil**, 10 out. 2023. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=201.2023&nuQuarto=3311703&nuOrador=1&nuInsercao=1&dtHorarioQuarto=17:52&sgFaseSessao=OD&Data=10/10/2023&txApelido=Nikolas%20Ferreira,%20PL-MG&txFaseSessao=Ordem%20do%20Dia&txTipoSessao=Ordin%C3%A1ria%20-%20CD&dtHoraQuarto=17:52&txEtapa=>>>.

GHERMAN, M.; KLEIN, M. Entre conversos e desconversos: o caso da influência da Nova Direita Brasileira sobre a comunidade judaica do Rio de Janeiro. **Estudios Sociales del Estado**, vol. 5, 101-115, 2018.

HARARI, Y., 2023. O horror do Hamas é uma lição a respeito do preço do populismo. **Estadão**. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/o-horror-do-hamas-tambem-e-uma-licao-a-respeito-do-preco-do-populismo-leia-a-analise/>>>. Acesso em: 25 fev. 2024.

MACEDO, Edir. 2014. Primeira reunião de inauguração do Templo de Salomão. Bispo Edir Macedo [Post de foto]. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BispoMacedo/photos/a.10150475631065108/10152244249815108/?type=3>>>. Acesso em 17 fev. 2024.

MACHADO, M. das D. C.; MARIZ, C. L.; CARRANZA, B. Articulaciones político-religiosas entre Brasil-USA: derecha y sionismo cristianos. **Ciencias Sociales y Religión**, 2021, Campinas, SP, v. 23.

MACHADO, M. DAS D. C.; MARIZ, C. L.; CARRANZA, B.. Genealogia do sionismo evangélico no Brasil. **Religião & Sociedade**, 2022, v. 42, n. 2, p. 225–248, maio 2022.

MACHADO, M. das D. C., & MARIZ, C. L. El sionismo cristiano en Brasil en el siglo XXI y los intereses involucrados. **Ciencias Sociales Y Religión**, 2023, v. 25.

MAIGUENEAU, Dominique. **Enunciados aderentes**. São Paulo: Parábola, 2022.

MALTA, Magno. 2023a. O governo passa vergonha internacional na ONU. @magnomalta [Post de vídeo]. **Instagram**. Disponível em: <[https://www.instagram.com/reel/CyuLt1proIz/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA](https://www.instagram.com/reel/CyuLt1proIz/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA)>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MALTA, M. 2023b. A omissão covarde do PT em relação a Israel. @magnomalta. [Post de foto]. **Instagram**. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CyCHjpKLLUn/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA](https://www.instagram.com/p/CyCHjpKLLUn/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA)>. Acesso em 29 fev. 2024.

MALTA, M. 2023c. Quem defende terroristas o que é?. @magnomalta. [Post de foto]. **Instagram**. Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/CyZTFYLJ\\_X9/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA](https://www.instagram.com/p/CyZTFYLJ_X9/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA)>. Acesso em 29 fev. 2024.

MALTA, M. 2023d. Os esquerdistas apoiam o terrorismo. @magnomalta. [Post de vídeo]. **Instagram**. Disponível em: <[https://www.instagram.com/reel/CyRJCqJv0x/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D](https://www.instagram.com/reel/CyRJCqJv0x/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D)>. Acesso em 29 fev. 2024.

MALTA, M. 2023e. **Senado Federal**. Discurso durante a 149ª Sessão Deliberativa Ordinária, no Senado Federal. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/501192>. Acesso em: 29 fev. 2024.

MONTERO, Paula. Templo de Salomão e seus regimes de visualidade IN: MONTERO, Paula; PROCÓPIO, Carlos. **Arquiteturas religiosas e a construção da esfera pública**. São Paulo: EdUSP, 2023 (pp. 75-106).

NUNES, F TRAUMANN, T. **Biografia do abismo**: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2023.

PODER360. 2024. Número de palestinos mortos na Faixa de Gaza passa de 30.000. **Poder360**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/numero-de-palestinos-mortos-em-gaza-passa-de-30-000/>>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SILVA, Emanuel Freitas da. Igreja, “serviço essencial”? Compreendendo argumentos de parlamentares evangélicos. **PLURA, Revista De Estudos De Religião**, 2021, n. 12, vol. 1, pp. 218–244.

SILVA, Emanuel Freitas da, & SILVEIRA, Emerson José Sena da. Conflitos entre democracia parlamentar e religião reacionária na Câmara Municipal de Fortaleza. **Plural**, São Paulo, 2021a, vol. 28, n.1, pp. 109-135.

\_\_\_\_\_. ‘A Bíblia É o Nosso Regimento’: debate parlamentar, liberdade de crença e democracia-liberal representativa. **Anthropológicas**, Recife, 2021b, vol. 32, n.2.

TÉRCIO, Clarissa. 2023. **Câmara dos Deputados do Brasil**. (2023, 09 de outubro). Clarissa Tércio, PP-PE, em sessão ordinária - CD: Breves Comunicações [Transcrição do discurso]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=198.2023&nuQuarto=3306898&nuOrador=1&nuInsercao=1&dtHorarioQuarto=16:44&sgFaseSessao=BC&Data=09/10/2023&txApelido=Clarissa%20T%C3%A9rcio,%20PP-PE&txFaseSessao=Breves%20Comunica%C3%A7%C3%B5es&txTipoSessao=Ordin%C3%A1ria%20-%20CD&dtHoraQuarto=16:44&txEtapa=>. Acesso em: 29 fev. 2024.

WACHHOLZ, W.; REINKE, A. D. “Pela paz de Jerusalém”: A origem do sionismo cristão, sua influência na igreja protestante brasileira e sua atuação no Congresso Nacional. **Revista Brasileira de História das Religiões**, 2020, v. 13, n. 37, 27 mar, s/l.